



Racismo e saúde mental na população negra rural: intersecções entre psicologia e agroecologia
Racism and Mental Health in the Rural Black Population: intersections between psychology and agroecology

MODESTO, Joice Roberta¹; CÂMARA, Paulo Henrique da Silva²

¹Universidade Federal de Santa Catarina, joicemodestopsicologa@gmail.com; ²Universidade Federal de Santa Catarina, hpaulo253@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este trabalho aborda a saúde mental da população negra rural, explorando desafios específicos enfrentados por essa comunidade. Fatores como condições de trabalho precárias, falta de acesso a serviços de saúde adequados, discriminação racial e ambiental, bem como outras formas de opressão sistêmica, podem contribuir para transtornos mentais. Nesse contexto, a agroecologia surge como uma abordagem que busca promover a saúde das pessoas e do agroecossistema. A psicologia desempenha um papel importante na compreensão e intervenção nesses problemas, considerando as questões sociais, culturais e ambientais. A exposição à discriminação racial afeta a saúde mental, resultando em estresse, ansiedade, depressão e isolamento social. Fomentar a conscientização e criar espaços seguros são medidas essenciais para enfrentar essas questões e promover a equidade e a justiça social. A intersecção entre psicologia e agroecologia é fundamental para o bem-estar e a saúde mental da população negra rural.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; adoecimento mental; trabalhadores rurais; agricultura familiar.

Introdução

A população negra rural brasileira enfrenta desafios específicos em relação à sua saúde mental, muitas vezes relacionados à exposição a condições de trabalho precárias, falta de acesso a serviços de saúde adequados, discriminação racial e ambiental, além de outras formas de opressão sistêmica. Esses fatores podem contribuir para o aumento do estresse, ansiedade, depressão e outros transtornos mentais (ROZEMBERG, 1994).

A agroecologia surge como uma abordagem alternativa à agricultura convencional, que visa promover a saúde das pessoas e do agroecossistema. Diferentemente da agricultura convencional, que se baseia no uso intensivo de insumos químicos, monoculturas e transgênicos, a agroecologia adota princípios de sustentabilidade, diversidade, resiliência e justiça social, priorizando práticas agrícolas que valorizem o conhecimento das comunidades tradicionais, respeitem a saúde humana e a saúde do ecossistema. A agroecologia também busca integrar as dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas da produção agrícola, fortalecendo a autonomia e a



participação dos agricultores familiares e camponeses (BRANDENBURG, 2015; BURIGO; 2019).

A psicologia desempenha um papel importante na compreensão e intervenção nos problemas de saúde mental, levando em consideração as questões sociais, culturais e ambientais que afetam a saúde (ALMEIDA et al., 2011). A abordagem psicológica pode envolver a criação de espaços terapêuticos seguros, a promoção do autocuidado e da resiliência, o apoio emocional e o empoderamento.

Apesar de ser um tema bastante relevante levando em consideração as preocupações da atualidade, a saúde mental da população negra rural é uma área de pesquisa pouquíssimo explorada. Uma possível forma de entender melhor os efeitos do racismo e da agroecologia na saúde mental dessa população é por meio de uma abordagem interdisciplinar entre psicologia e agroecologia. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi “investigar as relações entre o racismo e a saúde mental na população negra rural brasileira, e propor abordagens integrativas de promoção da saúde mental”.

Metodologia

Neste estudo, realizou-se uma revisão bibliográfica crítica sobre a intersecção entre a agroecologia e a psicologia, com foco na questão do racismo e seus impactos na qualidade de vida e na saúde mental da população negra rural brasileira. Para isso, foram analisados textos de referência nas duas áreas, selecionados a partir da experiência acadêmica dos autores. O artigo apresenta um ensaio que explora os fundamentos teóricos da agroecologia e da psicologia, bem como as evidências empíricas sobre o racismo no campo, para discutir como essa forma de opressão afeta o bem-estar e o desenvolvimento dos sujeitos e das comunidades rurais negras. Um aspecto relevante do trabalho é a proposta de introduzir o debate sobre o racismo e a saúde mental nos espaços de agroecologia, buscando sensibilizar e engajar o movimento agroecológico na luta antirracista nas áreas rurais do Brasil.

População rural brasileira: diversidade, aspectos históricos e sociais

A população rural brasileira tem uma origem histórica complexa e diversa, que reflete as transformações econômicas e sociais do país. Desde a colonização até os tempos atuais, o meio rural foi palco de diferentes formas de produção e organização social, que envolveram conflitos, resistências e desigualdades entre os grupos que o habitaram (NAVARRO, 2001). Os povos indígenas, os africanos escravizados e seus descendentes, os imigrantes europeus e asiáticos e outros segmentos sociais contribuíram para a formação da população rural brasileira, que apresenta características regionais e socioeconômicas distintas. A história da população rural brasileira é marcada pela exploração da terra e do trabalho pelos grandes proprietários rurais, que impuseram um modelo agrário excludente e monocultural (FIUZA, 2021).



De acordo com o último Censo Agropecuário, em 2017 havia 15 milhões de brasileiros no meio rural, 8,4 milhões de homens com idade média de 45 anos e 6,6 milhões de mulheres com idade média de 40 anos. Foram encontradas 5.073.324 propriedades rurais, ocupando uma área total de 351.289.816 hectares. Dessas, 77% eram de agricultura familiar e ocupavam 23% da área. Em relação à cor ou raça, a maioria dos produtores se autodeclarou de cor ou raça branca (52,2%), seguida por parda (38,8%), preta (7%), amarela (1%) e indígena (0,9%) (IBGE, 2017).

O número de trabalhadores rurais diminuiu em 1,5 milhão em comparação ao censo de 2006, porém, o perfil traçado do produtor rural brasileiro aponta que em sua maioria são proprietários da terra onde trabalham. Os homens dirigem a maior parte das propriedades, e a baixa escolaridade ainda se faz presente em ambos os sexos, sendo mais importantes para os homens dos quais parte expressiva que nunca frequentou a escola (ARRAIS et al., 2019). As mulheres produtoras rurais têm um papel importante na agricultura familiar, na segurança alimentar da família e na inserção da agroecologia nas propriedades brasileiras (SCHNEIDER et al., 2020). Segundo o censo, elas eram responsáveis por 48% dos estabelecimentos familiares e por 67% dos estabelecimentos que praticavam agricultura orgânica e se destacavam na produção de alimentos básicos, como mandioca, feijão, milho e leite (IBGE, 2017).

Os trabalhadores rurais brasileiros enfrentam uma série de desafios em suas condições de trabalho. Entre as principais dificuldades, sobressai a precarização das condições de trabalho, que pode acarretar diversos problemas à saúde física e mental. Esses trabalhadores recebem baixos salários, têm contratos temporários e cumprem longas jornadas de trabalho, além de sofrerem violência no ambiente de trabalho. A situação se agrava para os trabalhadores rurais que realizam trabalhos manuais, como plantio, colheita, beneficiamento e aplicação de agrotóxicos, pois estão mais expostos a riscos ocupacionais elevados (BESERRA et al., 2023). Esses tipos de trabalho são realizados em 62,7% das vezes por trabalhadores negros (CUT, 2020).

As dimensões sociais e psicológicas do racismo na saúde mental dos trabalhadores rurais brasileiros

Um dos desafios da saúde mental no campo é compreender as causas e as consequências do sofrimento psíquico dos trabalhadores rurais. Nesse sentido, Rozemberg (1994) propõe que as "doenças dos nervos" dessa população não são apenas sintomas isolados, mas uma síndrome que envolve fatores sociais, culturais e ambientais, o que nos coloca em uma dualidade: a possibilidade de lidar com uma questão crônica, e a complexidade para entendimento e diagnóstico do que leva a esse sofrimento psíquico.

A exposição a condições de trabalho precárias, caracterizadas por longas jornadas, baixos salários, falta de proteção e segurança no trabalho, contribui para um



aumento do estresse e da pressão psicológica (SANTOS *et al.*, 2021). Além disso, a discriminação racial e ambiental agrava ainda mais os problemas de saúde mental, gerando ansiedade, depressão e um sentimento de isolamento social (WHO, 2022). As dimensões sociais e psicológicas do racismo, destacando como o racismo estrutural afeta a saúde mental da população negra podem ser verificadas na obra de Sueli Carneiro, filósofa e ativista brasileira. Ela enfatiza que o racismo promove uma violência simbólica que desumaniza as pessoas negras, levando a uma série de danos psicológicos, incluindo a internalização de estereótipos negativos e a sensação de inferioridade (CARNEIRO, 2005).

Outra autora que também se concentra nas dinâmicas psicológicas do racismo é Grada Kilomba. Em sua obra "Memórias da Plantação" (KILOMBA, 2019), ela examina as formas como o racismo é perpetuado e internalizado na sociedade, afetando a subjetividade e a saúde mental dos indivíduos racializados. Ela descreve como o racismo se manifesta como um trauma psicossocial, criando um legado de memórias e experiências dolorosas que impactam a saúde mental de forma duradoura.

Ambas ressaltam que o racismo não é apenas uma questão individual, mas um sistema estrutural que permeia todos os aspectos da vida, incluindo a saúde mental. Elas apontam para a necessidade de abordagens coletivas e políticas para combater o racismo e suas consequências psicológicas. Isso inclui a valorização da autodeterminação, a criação de espaços seguros para discussões sobre raça e racismo, e a promoção da igualdade e justiça social como uma forma de mitigar os efeitos do racismo na saúde mental.

O impacto do racismo na saúde mental dos trabalhadores rurais negros e as possibilidades da agroecologia e da psicologia para enfrentar esse problema

A saúde mental depende um equilíbrio dinâmico e de complexas intersecções entre fatores psicológicos, biológicos e sociais. Dessa forma, ser exposto aos eventos traumáticos e estressantes, promovidos pela discriminação racial, é um fator preponderante para o desenvolvimento de alterações emocionais negativas na saúde mental dos indivíduos e nas suas vidas de modo geral (MARTINS *et al.*, 2020).

Os trabalhadores rurais brasileiros, em geral, enfrentam condições precárias de trabalho e estão sujeitos a diversos riscos ocupacionais. As pessoas negras que atuam no meio rural têm esses riscos são agravados pelos ambientes de trabalho que impõem vigilância constante, discriminação e microagressões raciais. Situações promovem o estresse crônico e aumentam a incidência de transtornos de ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental (PARADIES *et al.*, 2015).

A falta de serviços públicos de saúde mental, que sejam culturalmente adequados, aliado a escassez de redes de apoio podem dificultar a busca de ajuda e o tratamento adequado (BATISTA; WERNECK; LOPES, 2012). Além disso a



discriminação racial enfrentada pelos trabalhadores rurais negros, comumente resultam em barreiras de acesso as já limitados recursos e apoio necessários para lidar com o estresse e promover a saúde nestes ambientes.

As pessoas racialmente discriminadas podem internalizar estereótipos e preconceitos racistas, o que afeta sua autoconfiança e autoimagem. A falta de representatividade positiva e a presença predominante de discursos racistas na sociedade podem reforçar essas percepções negativas, aumentando o risco de problemas de saúde mental, como baixa autoestima, ansiedade e depressão. O isolamento social resultante do estigma racial também pode afetar a saúde mental de maneiras indiretas. A falta de conexões sociais significativas pode levar a um sentimento de solidão e exclusão. A sensação de não pertencer e não ser aceito na comunidade pode criar um ambiente hostil e desfavorável para o desenvolvimento saudável da identidade e do bem-estar psicológico.

A promoção de saúde é um dos conceitos essenciais para o desenvolvimento de uma agricultura agroecológica (BURIGO et al., 2019). A agroecologia se atenta ao contexto socioambiental, promovendo a valorização do conhecimento, da cultura e da identidade das comunidades tradicionais, além de fomentar o empoderamento e a importância da criação de redes de apoio. Quando aliada a psicologia que também valoriza esses princípios, podem juntas ajudar a compreender e abordar os fatores como o racismo, que contribuem para o aumento dos transtornos mentais nessa população, sendo essenciais para promover equidade e justiça social.

Conclusão

É fundamental abordar o estigma e o isolamento social causados pelo racismo na população rural. Isso pode ser feito por meio da promoção da conscientização, educação e diálogo aberto sobre raça e racismo nas comunidades rurais. Aqui a intersecção Psicologia/Agroecologia é essencial para atuar na criação de espaços seguros e inclusivos, nos quais as pessoas possam compartilhar suas experiências e se conectar com outras que compartilham de suas vivências, é essencial para combater o isolamento social e promover a saúde mental.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. A. De; MALAGRIS, N. L. E. A prática da psicologia da saúde The practice of health psychology. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 2, p. 183–202, 2011.

ARRAIS, S. C. da S.; PRAT, B. V.; CAMBRAIA, R. P. ANÁLISE DOS CENSOS AGROPECUÁRIOS BRASILEIROS DOS ANOS DE 2006 E 2017 PARA IDENTIFICAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO AGRÍCOLA. **Revista Cerrados**, [s. l.], v. 17, n. 02, p. 228–246, 2019.

BATISTA, L. Eduardo.; WERNECK, Jurema.; LOPES, F. **Saúde da população negra**. 2. ed. Brasília, DF: ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. v. 2



BESERRA, L.; HENNINGTON, É. A.; PIGNATTI, M. G. Condições de trabalho e saúde de trabalhadoras rurais: uma revisão integrativa. **Saúde em Debate**, [s. l.], v. 47, n. 137, p. 298–315, 2023.

BRANDENBURG, A.; BILLAUD, J.-P.; CLAIRE LAMINE. **Redes de Agroecologias: Experiências no Brasil e na França**. Curitiba : Kairos Edições, 2015.

BURIGO, A. C.; PORTO, M. F. de S. Trajetórias e aproximações entre a saúde coletiva e a agroecologia. **Saúde em Debate**, [s. l.], v. 43, n. spe8, p. 248–262, 2019.

CARNEIRO, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CUT, C. U. do T. **Informalidade atinge 47,4% dos trabalhadores negros do Brasil, diz IBGE**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-atinge-47-4-dos-trabalhadores-negros-do-brasil-diz-ibge-766e>. Acesso em: 7 ago. 2023.

FIUZA, D. H. Trabalhadores Rurais Africanos e de Origem Africana e a Africanização do Brasil Republicano. **Faces da História**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 240–263, 2021.

IBGE, I. B. de G. e E. **Censo Agropecuário 2017**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro : Editora Cobogó, 2019.

MARTINS, T. V.; LIMA, T. J. S. de; SANTOS, W. S. O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 25, n. 7, p. 2793–2802, 2020.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 15, n. 43, p. 83–100, 2001.

PARADIES, Y. *et al.* Racism as a Determinant of Health: A Systematic Review and Meta-Analysis. **PLOS ONE**, [s. l.], v. 10, n. 9, 2015.

ROZEMBERG, B. O consumo de calmantes e o “problema de nervos” entre lavradores. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 28, n. 4, p. 300–308, 1994.

SANTOS, K. M. R. dos *et al.* Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 25, n. spe, 2021.

SCHNEIDER, C. O. *et al.* Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná. **Interações (Campo Grande)**, [s. l.], 2020.

WHO, W. H. O. **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: [s. n.], 2022.